

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo analisar a temática predominante nos poemas publicados nos Almanques Amparenses do Acervo do Museu Bernardino de Campos de Amparo, no período de 1905 a 1919.

Palavras- chave: poesia, almanques, sociedade.

Abstract: This work aims to analyze the predominant theme present in the poems published in the Amparensis Almanacs between 1905 and 1919, from Bernardino de Campos Museum.

Key words: poetry, almanacs, society.

A Temática Predominante nos Poemas Publicados nos Almanques Amparenses de 1905 a 1919.

CAMPOS, Adriana Aparecida Cossentini¹
DINATO, Maíze Marmirolli²
PACE, Maria José Tafner³

¹ Mestre em Filologia e Linguística de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), professora coordenadora do curso de Letras do Centro Universitário Amparensis.

² Discente do Programa de Iniciação Científica do curso de Letras do Centro Universitário Amparensis.

³ Mestre em Educação, Administração e Comunicação, com área de concentração: “Cultura Memória e Tempo Presente” pela Universidade São Marcos, professora do Centro Universitário Amparensis.

INTRODUÇÃO

Cada poesia espera do leitor envolvimento, aproximação e um desejo incessante pelo novo, mesmo que esse corresponda ao passado.

A poesia exerce a função de espelho da sociedade, pois ela reflete a cultura, a economia, a política, os sonhos e demais transformações de uma determinada época. É como se o autor quisesse nos mostrar uma imagem crítica da sua realidade e de que forma ela influenciaria no futuro.

A Coordenadoria do Curso de Letras do UNIFIA, por meio de seus discentes pesquisadores, tem registrado graças à elaboração do trabalho de iniciação científica significativa amostra da produção poética, publicada nos Almanques do Amparo⁴ que pertencem ao acervo do Museu Histórico Bernardino de Campos, de Amparo.

O objetivo do levantamento poético do período de 1905 a 1919 consistiu em identificar e analisar a temática predominante nos versos publicados nos Almanques dessa mesma época. Para melhor resultado precisamos considerar os poemas uma arte que necessita de reflexão, raciocínio e sensibilidade, caso contrário jamais extrairemos dela seu real sentido e sua importância histórica.

CONTEXTO HISTÓRICO

O início do século XX, período correspondente à publicação dos poemas, foi uma fase de extremas mudanças mundiais e nacionais. Por volta de 1914, acirravam-se as divergências entre os países europeus. Era grande a insatisfação entre as nações que tinham ficado de fora da partilha da África e da Ásia; a disputa ostensiva por novos mercados e fontes de matérias-primas envolviam muitos governos imperialistas; as tensões nacionalistas, acumuladas durante décadas, pareciam prestes a explodir. O que ambicionavam era vencer a eterna competição pela hegemonia na Europa e no mundo. Sob esses conflitos iniciou-se a Primeira Guerra Mundial, que mudaria a história do homem. O Brasil, mesmo não tendo participado do conflito, sofreu suas conseqüências.

⁴ Jorge Pires de Godoy, proprietário e redator da “Gazeta do Amparo”, idealizou, organizou e publicou os Almanques do Amparo com o objetivo de tornar conhecida a cidade de Amparo.

A publicação dos Almanques não seguiu um padrão único de tamanho, número de páginas, disposição do conteúdo ou tipo de folha, assim alguns são maiores, com maior número de páginas, há exemplares com tipo de folhas mais resistentes e outros menores, com papel mais frágil, como por exemplo o Almanaque de 1902, produzido em papel acetinado.

A edição dos Almanques foi feita em diversos lugares. Nos primeiros anos foi editado pela Tipografia Livro Azul, de A.B de Castros Mendes & Cia., (Campinas-SP); em 1892, pela Tipografia da Cidade do Amparo; em 1893, pelo Diário do Amparo (Amparo-SP); em 1894, pela Tipografia Popular (Amparo-SP); em 1895, pela Tipografia Cardona (Campinas-SP); em 1896, pela Gazeta do Amparo (Amparo-SP); em 1901, pela Tipografia Popular de J.A Boucault (Amparo-SP); em 1902 e 1903, pelo Livro Azul (Campinas-SP); em 1905, 1906 e 1907, pela Ao Pindorama (Amparo-SP); em 1912 e 1914, pela Mascote (Campinas-SP); em 1918, pela Pindorama (Amparo-SP).

Os Almanques constituem rica fonte de informação histórico-cultural, sócio-econômica e intelectual de Amparo, pois apresentam registros não só de produções poéticas, mas também da vida social, tal como bailes, apresentações musicais, registros das produções nas lavouras de café principalmente, fotos da cidade de Amparo e outros municípios, propagandas de comerciantes da época e até receitas. Além das informações locais, os Almanques progressivamente, registram fatos das cidades e distritos dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

Nos primeiros anos da República (1889), o poder central era exercido pelos militares positivistas, como Floriano Peixoto. Com a eleição de Prudente de Moraes, em 1894, as elites agrárias de São Paulo, por intermédio do PRP (Partido Republicano Paulista), ganharam força. A partir da presidência de Campos Sales (1898-1902), o PRP se uniu aos republicanos de Minas Gerais, estado mais populoso do país e com maior número de eleitores. Assim nasceu a política chamada “café-com-leite”, por meio da qual as oligarquias mineira e paulista revezaram-se no poder até 1930.

O parque industrial brasileiro apresentou razoável crescimento nas primeiras décadas do século XX. Os primeiros setores industriais a se desenvolverem foram: o ramo têxtil, de alimentação e de vestuário, cujos produtos eram largamente consumidos e sua fabricação não dependia de tecnologia sofisticada.

A introdução do nosso país na modernidade teve íntima ligação com o crescimento industrial vertiginoso de São Paulo. A chegada de um número cada vez maior de imigrantes, especialmente italianos, gerando mão-de-obra barata, e a necessidade de suprir a carência de produtos antes importados da Europa (uma decorrência da Primeira Guerra Mundial) conjugaram-se para imprimir um ritmo acelerado ao processo de urbanização e industrialização desta cidade.

São Paulo, matriz em torno da qual gravitavam os demais estados, tomou o lugar do Rio de Janeiro, capital política do país, no seu papel de centro econômico e cultural.

Configurou-se o “*status*” de uma nova burguesia, que se adensou com subsídios provenientes da aristocracia rural e cafeeira, e também com a ascensão das camadas de imigrantes bem-sucedidos, enriquecidos pelo comércio e pela indústria, cujos filhos se casavam com as filhas de fazendeiros, provocando uma fusão das elites dominantes.

As frações dessas elites mais comprometidas com o crescimento industrial incorporavam os anseios de renovação e de revitalização cultural do país, que se manifestavam através de jovens inquietos e intelectualizados, alguns dos quais aristocráticos que chegavam da Europa trazendo idéias e propostas das vanguardas para os mais diversos campos artísticos.

Por um lado, o domínio da nobreza fundiária ou oligárquica expressava-se por meio da política do café-com-leite, que acabou superada com a desvalorização internacional do preço do café (1928) e a quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929).

Por outro lado, entretanto, o descontentamento de camadas sociais marginalizadas do poder - operários, burocratas, comerciantes, pequenos proprietários, a burguesia industrial incipiente, profissionais liberais, o Exército etc.- faziam-se notar por meio de greves.

Como a Greve Geral de 1917, que ocorreu em São Paulo, organizada por trabalhadores que reivindicavam melhorias de salários e condições de trabalho, que indicavam o crescimento de organizações sindicalistas e de tensões que viriam a se expressar em movimentos revolucionários, como o Tenentismo (1922-1924) e a Coluna Prestes (1925).

Diante dessa realidade é possível compreender a oscilação entre o velho e o novo que se verificava no país.

CONTEXTO LITERÁRIO

As grandes mudanças políticas, sociais e econômicas no início do século XX, não deixavam mais espaço para a idealização. Era o momento de buscar um conhecimento mais real e profundo das condições de vida que podiam ser observadas em um país tão grande. Por isso, o foco da produção literária se fragmentou e os autores escreveram sobre diferentes regiões, sobre os centros urbanos, os funcionários públicos, os sertanejos, os caboclos e os imigrantes.

Tudo era motivo de interesse para escritores como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Graça Aranha e Augusto dos Anjos.

Hoje, essa multiplicidade de focos e de interesse torna impossível tratar o Pré-Modernismo como uma escola literária. Se essa semelhança agrupa diferentes autores, o mesmo não se pode dizer das características estéticas dos romances e poemas que escreveram. Por essa razão, o Pré-Modernismo é considerado um período de transição: conserva algumas tendências das estéticas da segunda metade do século XIX (Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo), ao mesmo tempo em que antecipam outras, que serão aprofundadas durante o Modernismo. No Pré-Modernismo o desejo era o de olhar para o Brasil e usar a Literatura como meio para torná-lo mais conhecido pelos brasileiros. Para isso, era preciso desviar o olhar das classes sociais mais privilegiadas que, até aquele momento, ocupavam boa parte dos romances escritos. Personagens que ainda não haviam aparecido na literatura, como o pequeno funcionário público, o caboclo, os imigrantes são elevados à condição de protagonistas dos romances do período. Outros, como os sertanejos, que já tinham sido objeto da atenção dos romances regionalistas de José de Alencar e Franklin Távora, receberam um novo tratamento, mais objetivo e distanciado, bem diferente da idealização característica dos textos românticos. As condições de produção da literatura, naquele momento, foram muito influenciadas pelo interesse da população dos grandes centros pelas notícias diárias. A busca por informações reforçava a necessidade de uma literatura que representasse melhor a diversidade característica de um país como o Brasil.

Uma vez criado no público o “gosto” pela atualidade, era preciso encontrar meios para fazer com que os textos literários também ganhassem maior agilidade. A tecnologia que favorecia a circulação rápida de informações despertou nos leitores a expectativa de que a literatura “se atualize”, deixe de apresentar cenários claramente ficcionais e comece a oferecer pontos de contato com a realidade.

Como consequência natural da maior aproximação entre a literatura e a realidade, a linguagem utilizada nos textos modificou-se, tornou-se mais direta, mais objetiva, mais próxima da linguagem característica do texto jornalístico.

Do conjunto de romances e contos publicados pelos autores da época emergiram as tendências que dentro de duas décadas seriam agitadas como bandeiras pelos primeiros modernistas: a desmistificação do texto literário, a utilização de um português mais “brasileiro”, a crítica à realidade social e econômica contemporânea, enfim, a constituição de uma literatura que retratasse verdadeiramente o Brasil.

ANÁLISE DA TEMÁTICA PREDOMINANTE

O quadro, a seguir, foi elaborado sinteticamente, e nele constam: o número de poemas, charadas, logogripos, quadras populares e sonetos, assim como as temáticas

predominantes em seus respectivos anos. Em relação à temática observou-se que o amor predominava, entre os demais assuntos como o da morte, das belezas naturais, etc.

<u>ANO</u>	<u>1905</u>	<u>1906 1907</u>	<u>1909</u>	<u>1910</u>	<u>1912</u>	<u>1914</u>	<u>1918</u> <u>1919</u>
<u>POEMAS</u>	137	121	98	50	41	89	67
<u>CHARADAS</u>	1	—	1	—	—	—	—
<u>LOGOGRIPOS</u>	3	1	—	—	—	—	—
<u>QUADRAS/ TROVAS POPULARES</u>	1	7	5	1	1	—	5
<u>SONETOS</u>	7	9	3	1	2	2	—
<u>TEMÁTICA PREDOMINANTE</u>	Amor Religião Crítica Morte Belezas Naturais e Femininas	Amor Religião Crítica Morte Belezas Femininas Velhice.	Amor Religião Crítica Morte Belezas Naturais Velhice	Amor Religião Belezas Naturais e Femininas	Amor Saudade Crítica Belezas Naturais	Amor Religião Crítica Belezas Naturais	Amor Morte Crítica Belezas Naturais

AMOR

O amor é o tema dominante na poesia tradicional, mais do que qualquer outra temática. É preferido pelos poetas por ser um tema universal. A evolução da poesia amorosa não seguiu regras. Houve muitos avanços e recuos, principalmente nas últimas décadas do século XIX, em que encontramos desde sensualidade exacerbada até lirismo amoroso. Nesse contexto é que os poemas foram catalogados. Quase sempre os poemas retrataram a dor, a tristeza, a culpa e a saudade da pessoa amada. No entanto, encontramos poemas que transbordam do amor maternal ou a felicidade de um amor perfeito vivenciado pelo narrador. O amor, durante o passar dos anos, vai deixando de ser uma entidade abstrata e impessoal, como tinha sido para os clássicos e começou a se tornar experiências de vida, sujeita às atribuições e à relatividade das vontades individuais.

SUPREMA VENTURA

Amar, viver de amor, ambos na idade
Em que o prado floreja e o sol fulgura,

Tu vendo em mim tua felicidade,
Eu vendo em ti minha maior ventura;

Moços os ambos, no ardor da mocidade,
Amar, viver do amor que sempre dura,
E nem ter medo a propria sepultura,
Porque o amor vai além da eternidade;

Duas vidas unirmos n'uma vida,
N'um só dois corações se entrelaçando,
A alma de um goso unico vencida,

Eis o meu ideal ... meu sonho brando!
Eis o nosso destino, alma querida!
Destino que ha de vir ... que vai tardando!

Alberto de OLIVEIRA.

Esse soneto, de 1905, de Oliveira mostra a realização do amor que o eu lírico vive intensamente. É um tema clássico e inspirador para as leitoras da época.

Percebe-se que o casal vive pelo amor. Cada um idealiza no companheiro o seu contentamento e que por amar não temem a morte, pois acreditam que esse sentimento seja eterno.

CRÍTICA

A crítica é a arte ou faculdade de julgar, analisar e de expressar a opinião sobre uma obra literária, artística, regras e conceitos da sociedade, entre muitas outras coisas que cercam o homem.

Nos poemas catalogados, encontramos vários cujo tema é uma crítica, pois por meio de sua obra mostra-nos acontecimentos que se destacaram na sociedade de sua época, tais como: casos extraconjugais, apego excessivo às coisas materiais, relacionamentos infelizes, etc.

ESMOLA

<<Suba!>>gritaram-lhe arrogadamente
Do alto sumptuosa escadaria;
E a pobresinha a mão nevada e fria,
Subindo, estende, e implora sorridente:

<<Esmola para minha Mãe doente
<<E, pela fome, ás portas da agonia!>>
uma voz de trovão: <<Rua, vadia:
<<Vá ver se encontra ocupação decente!>>

Desce, chorando. Lá em baixo, à espera,
A mendiga que nem subir pudera,
Beija-lhe a fronte, enxuga o pranto, e sahe...

<<Mamãe, que homem tão máo, esse que humilha
<<A pobreza infeliz!>>-
<<Cala-te, filha!
<<Não fales d' elle nunca!Elle é teu pai!>>

Correa de AZEVEDO.

Nesse poema de 1906-1907, de Azevedo, há uma crítica aos casos extraconjugais que, embora inimigos dos costumes sociais e religiosos, eram muito comuns na época, principalmente com homens casados, que terminavam os seus casos, na maioria das vezes, ao descobrirem que suas amantes estavam grávidas. Não assumiam, então, suas responsabilidades, deixando-as sofrer o preconceito de serem mães solteiras.

O autor nos dá a descrição da cena e mostra a triste realidade dos mais desfavorecidos diante dos faustosos. Em tom dramático, o autor também nos fala sobre a dor da humilhação e do consolo encontrado nos braços de uma mãe. Por último, a revolta da menina mendiga faz com que a mãe revele a cruel verdade de que ela é uma filha bastarda.

MORTE

A partir do século XX, os poetas começam a encarar a morte como acontecimento natural, valendo-se dos altos índices de mortalidade infantil, mortos em guerra, epidemias, etc., assim como da reflexão que esse acontecimento gerava.

Desde os tempos passados até o Modernismo, a morte sempre esteve presente como tema nas composições de nossa língua e seu tratamento reflete os valores e opiniões, as crenças, os hábitos dominantes da sociedade.

AO PÉ DO TÚMULO

Eis o descanso eterno...o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas.
Eis o repouso, emfim..e o somno amigo
Já vem cerrar-me as palpebras cançadas.

Amarguras da terra ! eu me desligo
Para sempre de vós...almas amadas
Que soluçoes por mim, eu vos bemdigo
O' almas de minh'alma abençoadas!

Quando eu daqui me for, anjos da guarda,
Quando vier a morte que não tarda
Roubar-me a vida para nunca mais,
que soffreu muito e quem amou demais.”

Auta de SOUZA.

Souza encontra na morte um descanso e uma reflexão, e a respeito da vida do eu lírico, no seu poema de 1905, uma possibilidade de esquecer as mágoas da vida. Ele descreve a morte como o consolo de suas dores, afirmando que brevemente morrerá e que se desprenderá das coisas do mundo (rancores e sofrimento), mas sem confessar que amou.

RELIGIÃO

A religião é a crença na existência de forças sobre-humanas, criadoras do Universo e cada um dos vários sistemas organizados que se baseiam nessa crença, possuindo doutrina e rituais próprios.

Durante muitos séculos, a Igreja exerceu um poder maior ou equivalente aos reis, imperadores e todos aqueles que possuíam títulos de nobreza. No período referente à pesquisa (1905 a 1919), a religião católica era a predominante no Brasil e a maioria do povo respeitava os seus princípios como: ir às missas aos domingos, orar diariamente, confessar-se sempre, preservar a castidade antes do casamento, etc.

Assim a religião aparece nos poemas catalogados revelando-nos os costumes e a devoção da época.

FILHOS DA DÔR

Pobres dos que se vão pela existencia fora
Pés a sangrar, olhos em prantos, sobre espinhos
Em cujo berço não brilhou jamais a aurora
Que não tiveram mãe, não tiveram carinhos.

Pobres desses tão sós, tão tranquillos, embora
Velhinhos, a esmolar á beira dos caminhos,
Em cujo peito eterna, uma saudade mora,
Saudade, meiga irman do meigos pobresinhos!

Pobres dos que não têm que lhes minore a magua
Curvos, faltos de alentos, os olhos rasos d'agua,
Resignados na dôr nos martytios seus ...

Pobres de quem não ha no mundo quem se doe
Almas, filhos da Fé, que Deus as abençoe
-Que seja tudo pelo amôr de Deus!

A. BOUCHER FILHO

Nesse poema de 1906-1907, de Boucher Filho, temos sua comoção diante do sofrimento alheio, sendo que ele acaba por fazer uma prece, demonstrando-nos sua religiosidade. O autor fala sobre os órfãos e sobre os idosos abandonados à mercê da pobreza e suas sofridas vidas e faz uma prece rogando a Deus que Ele tenha desvelo com os Seus filhos, pois o mundo se esqueceu deles.

BELEZAS NATURAIS

Em nossa língua, a natureza aparece nos poemas como cenário para uma lembrança ou como receptora das confissões do poeta. Mas ela evoluiu ao longo dos séculos, graças aos exageros da revolução romântica e acaba por, no Modernismo, nos ensinar que nada é poético sem estar inserido em um poema, ou seja, é dependente do modo como o poeta faz seu autoquestionamento com o mundo que o cerca, do modo como tudo isso é concretizado pelas palavras.

NO CAMPO

Partiu a primavera esplendorosa,
Cheia de encantos, cheia de harmonias!...
Do quente estio chegaram-aureos dias,
E a Natureza brilha luminosa!-

Quanto brilho no sol ! Como na rosa
Fulgura a luz ! O' suaves alegrias
Que a gente sente ao ver as serranias,
A' doce luz da tarde silenciosa!

O' céu azul de minha infancia! O' bella
Alvorada gentil que eu tanto amava,
Surgindo airosa, na azulada umbrella !

Volta a Musa gentil que me inspirava...
Que doce encanto em contemplar-aquella
Palmeira verde em que o sabiá cantava.

Pires de GODOY.

A poesia de Godoy, de 1918 a 1919, fala da natureza com doçura deixada nas lembranças do autor.

Há a troca de estações, a primavera harmoniosa parte e o verão, com seus dias quentes, chega para iluminar a natureza. Temos a descrição das belezas trazidas pelo calor e a apreciação que o povo faz da natureza.

O autor, ao presenciar cena tão bela, relembra o amor que sentia pela natureza na infância, como o estimulava. Assim fica a contemplar o presente revoltado nas recordações do passado, que o ajudam a se redescobrir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos, na realização da pesquisa, que os poemas falam predominantemente, do amor, da crítica da morte e da religião. Seus conteúdos revelam que a idéia dos autores dos Almanques do Amparo parece, na maioria das vezes, cativarem o público em todas as formas, seja nas simples e graciosas quadras populares ou na elegância dos sonetos.

Encontramos também presentes na poética amparense os logogrifos de difícil análise, devido a sua forma de composição de versos acompanhados de números, o que dá a impressão de estarmos diante de uma charada.

Envolver-se no círculo poético é algo fascinante. Através de sua leitura, ficamos conhecendo mais os sentimentos e o gosto literário de uma época que nos precedeu.

A leitura dos poemas nos permitiu perceber que as mudanças que a temática amorosa sofreu por conta do modelo estético em vigor não se fazem presentes na composição poética amparense que assume a postura romântica do amor idealizado vivenciado pelo poeta.

A poesia é algo atemporal, no entanto ela reflete o homem no seu tempo. Os versos nos permitiram conhecer os sentimentos que atravessaram os séculos.

O texto poético veicula os elementos culturais do cotidiano e sua leitura nos possibilitou refletir não só sobre os costumes e a devoção da época, como também sobre os da sociedade atual.

NOTAS

OS ALMANAQUES DO AMPARO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República*. São Paulo: Alfa, Omega 4. ed., 1977.

CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAMARGO, Áureo de Almeida. *Efemérides amparenses (século XIX)*. São Paulo: Clássica Científica, 1969.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002

LIMA, Roberto Teixeira. *A cidade racional-Amparo: um projeto urbanístico de “oitocentos”*. Campinas: Unicamp, 1998.

MAZZOCO, R. G. V. *A Produção Poética Publicada nos Almanques Amparenses de 1905 a 1919 do Acervo do Museu Histórico Pedagógico Bernardo de Campos de Amparo*, 2006.

MENDES, Antonio; MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História*. São Paulo: Brasiliense, 5. ed., 1983.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é difícil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996.

NICOLA, José de. *Língua, Literatura e Redação*, São Paulo: Scipione, 1994.